



"A RAIVA DELAS NO ESCURO SE AGITANDO": A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM UM QUADRINHO DE ALAN MOORE

Márcia Tavares Chico

Resumo: Alan Moore é considerado um dos grandes nomes da indústria das histórias em quadrinhos. Responsável por obras que já se tornaram clássicos do gênero, como *Watchmen* (1986-1987) e *V de Vingança* (1982-1989), Moore mudou a história dos quadrinhos com *A saga do Monstro do Pântano* (1983-1987), primeiro quadrinho que foi publicado, por uma editora mainstream, sem o selo do Comics Code Authority após a instituição deste. O presente trabalho procura analisar a história "A maldição" (setembro de 1985), do arco "Gótico Americano", presente em *A saga do Monstro do Pântano*. O feminino, na história, é apresentado como uma "maldição", sendo a personagem feminina transformada em um lobisomem. Assim, baseando-nos na noção de performatividade de gênero (BUTLER, 2014), analisaremos como se dá a construção do feminino na história em quadrinhos em questão, tanto no âmbito linguístico quanto no gráfico.

Palavras-chave: Representação do feminino. Histórias em quadrinhos. Performatividade de gênero.

Abstract: Alan Moore is considered one of the greatest names in the comic book industry. Responsible for works that have already become classics, like *Watchmen* (1986-1987) and *V for Vendetta* (1982-1989), Moore changed the history of comic books with *The saga of the Swamp Thing* (1983-1987), the first comic book published by a mainstream publisher without the Comics Code Authority's seal of approval. The present article aims to analyze the story "The curse" (September, 1985), from the "American Gothic" arc, present in "The saga of the Swamp Thing". Femaleness, in the story, is shown as a "curse", with the female character turning into a werewolf. Thus, basing my analysis in the notion of gender performativity (BUTLER, 2014), I will analyze how

femaleness is constructed in the comic book in question, both in its linguistic and its graphic scopes.

Keywords: Gender representation. Comic Books. Gender Performativity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história "A maldição" foi publicada inicialmente na edição 40 da hq do *Monstro do Pântano* de 1985 e possui o roteiro de Alan Moore e a arte de Stephen Bisset e John Totleben. "A maldição" faz parte do arco "Gótico Americano", no qual coisas estranhas estão acontecendo por todo os Estados Unidos e John Constantine alista a ajuda do Monstro do Pântano para entender o que está acontecendo e evitar um mal maior. No quadrinho em questão, uma dona de casa, durante a lua cheia, deixa a raiva que sente por ser tratada como inferior ser liberada e transforma-se em uma espécie de lobisomem.

O presente trabalho procura analisar como o feminino é representado na história em questão, me atentando a elementos específicos dos quadrinhos, como a posição das personagens e as cores, e utilizando, como base teórica de gênero, o conceito de performatividade de gênero proposto pela filósofa Judith Butler.

Acredito ser importante verificar como o feminino é representado em quadrinhos mainstream, pois estes possuem um grande alcance de público, podendo passar noções do que vem a ser o feminino e como este deve agir. A maneira como o feminino é representa nos permite analisar a situação da mulher como personagem e entender a visão que uma determinada sociedade tem do feminino, pois as histórias em quadrinhos são artefatos culturais e históricos que podem representar o pensamento e as visões de mundo daqueles que as produzem, além do pensamento e visão de mundo da sociedade em que estão inseridos.

ALGUMAS BREVES CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Judith Butler teoriza que gênero se dá através da fixação de uma matriz genderificada em um corpo sexuado¹. Segundo a filósofa, o gênero é formado pela e através da linguagem e é sancionado e naturalizado pela sociedade em que se encontra, a qual vê o corpo em sua materialidade. Assim sendo, segundo a autora, gênero seria uma série de ações, gestos, vestimentas, etc., performados pelo corpo e reiterados pela repetição. Ou seja,

atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo de substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos.²

Gênero, então, é um ato *performativo* que está presente em uma determinada cultura e que acaba por delimitar, de forma tanto normativa quanto punitiva, o que vem a ser uma “mulher” ou um “homem”. Para Butler, os atributos de gênero não são expressivos, eles não mostram uma “essência” de gênero, o que “é” um gênero, mas são performativos, ou seja, “constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam”³.

"EU SOU MULHER": CONSTRUÇÃO DO FEMININO NA NARRATIVA

A partir da noção de performatividade de gênero, procuro analisar como o feminino é representado em “A maldição” e como isso é apresentado durante a narrativa.

A história inicia com Phoebe, cujo nome sabemos apenas pela fala de outros - todos homens - comprando produtos de higiene feminina no supermercado e pensando “por que a vida das mulheres deve ser marcada por

¹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

² BUTLER, 2014, p. 194.

³ BUTLER, 2014, p. 201.

sangue”⁴. Ela, então, lembra das mulheres da tribo Pennamaquot, as quais eram isoladas em uma cabana durante o período da menstruação por serem consideradas impuras. Seu isolamento era uma forma de evitar a contaminação das outras pessoas da tribo.

Isso pode ser visto na Figura 1. É interessante notar o uso de cores e os elementos que são apresentados e como eles servem de contraste uns para os outros. Phoebe pondera sobre a sua realidade, falando sobre o “pacote brilhante”⁵ de absorventes, com uma “mulher sorridente correndo por campos sem fim sob um céu de cor centáurea”⁶ e como esse pacote é colocado separado das outras compras como se para protegê-las.

Ao mesmo tempo, vemos as mulheres da tribo em isolamento. As cores de Phoebe fazendo suas comprar são claras e convidativas; já as da cabana são escuras e violentas, lembrando dor e sangue. Phoebe também pensa na raiva que as mulheres da tribo deviam estar sentindo.

⁴ MOORE, Alan. *Swamp Thing: The Curse*. Nova York: DC Comics, 1985. (Tradução minha) No original: “why women’s lives should be punctuated with blood.”

⁵ MOORE, 1985, p. 1. (Tradução minha) No original: “bright package.”

⁶ MOORE, 1985, p. 1. (Tradução minha) No original: “A laughing woman runs through endless fields beneath a cornflower sky.”



Figura 1: Página inicial do quadrinho. © DC Comics. Fonte: MOORE, 1985, p. 1.

Durante o resto da narrativa, o mesmo padrão pode ser visto, até Phoebe começar a se rebelar contra sua vida e se transformar em um lobisomem. Nesse momento, as cores passam a ideia da raiva que a personagem está sentindo.

Outra ideia que está presente na Figura 1 é a da posição do feminino na sociedade. Phoebe é vista fazendo as compras de casa, cercada por elementos que reiteram sua posição. Podemos ver, em destaque no primeiro painel, um conjunto de facas para donas de casa. Na Figura 2 podemos ver a continuação da cena anterior e mais reiterações do lugar do feminino na sociedade. Podemos ver uma propaganda de absorventes, também em tons convidativos, que promete um cheiro de flores para “a verdadeira mulher em você”⁷. Também podemos ver uma loja de conteúdo adulto apresentando mulheres em situação de submissão. Somos levados a ver, pela continuidade

⁷ MOORE, 1985, p. 2. (Tradução minha) No original: “for the real woman in you.”

do uso das cores, que a liberdade do absorvente e a submissão do conteúdo adulto não são tão antagônicos como possam parecer. São colocados, pela sociedade em que nossa protagonista se encontra, como estando no mesmo patamar: uma mulher não pode demonstrar o desconforto da menstruação ou mesmo aparentar estar menstruada; isso é, em si mesmo, uma forma de dominação.

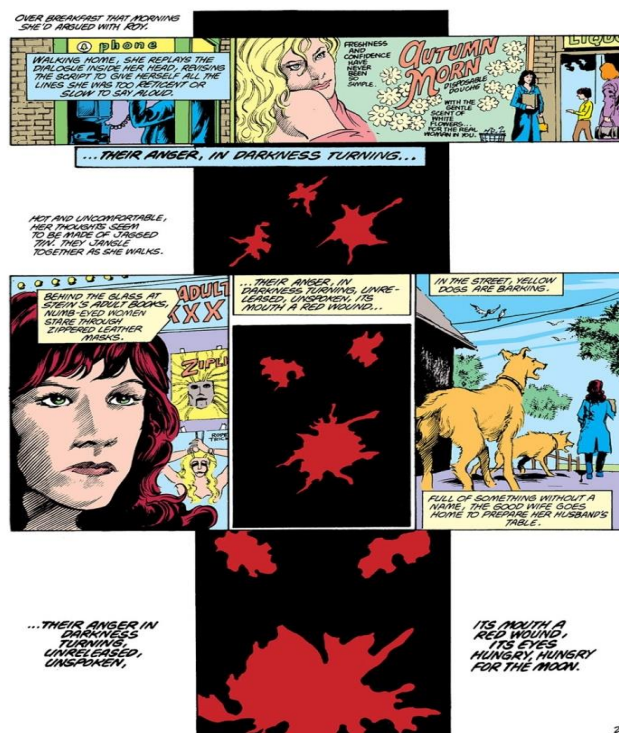


Figura 2: Phoebe andando pela rua. © DC Comics. Fonte: MOORE, 1985, p. 2.

Phoebe menciona as “mulheres com olhares vazios” dos cartazes da loja de conteúdo adulto, como pode ser visto da Figura 2. Ao mesmo tempo, a narrativa gráfica coloca o rosto de uma de tais mulheres e o rosto de Phoebe lado a lado: não há diferença entre os olhares, pois o olhar de Phoebe também é vazio. Por mais que ela ande livre pela rua, ainda está presa às noções sociais do que vem a ser o feminino e como este deve se portar na sociedade. Ela continua pensando nas mulheres isoladas, em sua impotência,

em sua raiva “contida, não dita”⁸. O vermelho aparece contra um fundo preto nesses momentos: manchas vermelhas como manchas de sangue.

Phoebe acaba se transformando em uma espécie de lobisomem após uma discussão com seu marido, o qual a acusa de usar a TPM como uma desculpa para fugir do que ele considera as obrigações dela, como o preparo do jantar⁹. Ela se volta contra o marido, mas é interceptada pelo Monstro do Pântano. O Monstro se identifica e pergunta a ela quem ela é. Sua resposta: “Eu sou mulher”¹⁰.

Mas o que vem a ser uma mulher? O que tal resposta nos leva a entender? “Mulher”, na história, está sendo usado como uma classificação e uma explicação. Dizer “sou mulher” é considerado suficiente para que entendamos a sua raiva e frustração e também a sua maldição. No entanto, podemos dizer que a categoria “mulher” é tão performativa quando a categoria “gênero”. Segundo Butler,

o poder dos termos “mulheres” e “democracia” não é derivado de sua habilidade de descrever adequada ou abrangentemente uma realidade política que *já* existe, pelo contrário, o significante político torna-se politicamente eficaz ao instituir e sustentar uma série de conexões políticas *como se fossem* a realidade política.¹¹

O termo “mulher” não possui uma série de características intrinsecamente ligadas a ele. No entanto, por ser performativo, nos passa uma ideia de realidade política. No quadrinho, ser mulher é ser amaldiçoada. Ser mulher também é necessariamente ser cisgênero pois a feminilidade está ligada à menstruação.

A raiva de Phoebe continua sendo impotente. Por mais que ela tenha se transformado em um monstro capaz de acabar com seus problemas, ela ainda não consegue ferir o marido, ela continua presa a um ideal de gênero

⁸ MOORE, 1985, p. 2. (Tradução minha) No original: “unreleased, unspoken.”

⁹ MOORE, 1985, p. 9.

¹⁰ MOORE, 1985, p. 13. (Tradução minha) No original: “I am woman.”

¹¹ BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of ‘sex’*. Nova York: Routledge, 1993. (Tradução minha) No original: “the power of the terms ‘women’ or ‘democracy’ is not derived from their ability to describe adequately or comprehensively a political reality that *already* exists, on the contrary, the political signifier becomes politically efficacious by instituting and sustaining a set of connections as political reality.”

que a mantém submissa ao masculino. Ao tentar se libertar, Phoebe transformou-se em um corpo abjeto¹², um corpo que tentou romper com as normas impostas a seu gênero, acabando por se tornar “monstruoso”.

Como já mencionado anteriormente, o gênero é um ato performativo presente em uma determinada sociedade de modo normativo e punitivo. Os corpos que resolverem, por qualquer motivo que seja, se afastar do que é visto como “correto” para um determinado gênero, são passíveis de punição pela sociedade em que se encontram pois são considerados perigosos. No final da narrativa analisada, Phoebe não encontra outra alternativa para terminar sua história que não seja a morte. Assim, ela se atira contra o *display* de facas para donas de casa que foi visto na Figura 1¹³. É interessante como Moore utiliza um elemento doméstico e voltado para o público feminino de donas de casa para tirar a vida de sua personagem, como uma forma de mostrar que a personagem havia deixado de ser mulher e precisasse ser lembrada do fato, mesmo que nos seus últimos momentos.

Antes de tirar sua própria vida, a narração nos diz que “ela entende, por fim, a natureza de sua maldição de mulher e ela guinchou em agonia em direção ao céu enluarado”¹⁴. Phoebe entende que, como mulher, ela nunca conseguirá quebrar a sua maldição, estando presa em sua “condição feminina”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história, o feminino está ligado a fatores biológicos e a fatores culturais e sociais. Esses fatores estão tão enraizados que é impossível lutar contra eles. O feminino é visto como uma maldição da qual não há escapatória que não seja a morte. Aquelas que buscam quebrar com o padrão esperado devem ser detidas, pois, de certa forma, transformam-se em “corpos abjetos” e são perigosas para o funcionamento social.

¹² BUTLER, 1993.

¹³ MOORE, 1985.

¹⁴ MOORE, 1985, p. 15. (Tradução minha) No original: “She understands at last the nature of woman’s curse, and she shrieks her despair at the moon-bleached sky.”

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'*. Nova York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 7. ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- MOORE, Alan. *Swamp Thing: The curse*. Nova York: DC Comics, 1985.